

A 'aventura' dos brasileiros na Bienal de Paris

LEONOR AMARANTE
Enviada especial

PARIS — Um mal-estar toma conta da delegação brasileira nesta XI Bienal dos Jovens de Paris, inaugurada no último sábado e que prossegue até o dia 3 de novembro, simultaneamente no Centro Georges Pompidou, no Museu de Arte Moderna de Paris e em 15 galerias da capital francesa.

A mostra paralela do Brasil foi inaugurada ontem às 18 horas na Galeria Debret — que pertence ao Itamaraty, localizada na tranquila rue Boétie, próxima ao Champs Elysées —, e que já deveria ter acontecido junto com a abertura oficial da bienal no dia 20. Os trabalhos, no entanto, chegaram com três dias de atraso, e Luís Antonio Carraro, diretor da Galeria Debret, afli- to, temia que a exposição não ficasse pronta a tempo. "Se os trabalhos não chegarem, seréi obrigado a fazer um strip-tease para divertir o público, no dia do vernissage".

Mais tarde, Carraro soube que o artista irlandês Nigel Rolfe havia feito sua performance nu (no Centro Pompidou), que não provocou nenhum espan- to. Em 1980, nesta mesma bienal francesa, Jean Clareboudt, artista holan- dês, passeava sem roupa pelos estan- des, fazendo corar as senhoritas presentes.

O Brasil, que foi premiado várias vezes e que também já sofreu situações humilhantes em outras bienais francesas, está agora representado por três artistas: José Resende (o único que consta do catálogo com currículo e fotos), Cláudio Tozzi e Luís Gregório, que são citados apenas no final do catálogo, como artistas participantes da mostra paralela da Debret.

Os primeiros sintomas de um mal-estar indifensável entre os artistas brasileiros, na verdade, foram diagnosticados quando ainda eles se encontravam em São Paulo. A absoluta falta de comunicação e informação entre artistas e coordenadores fez com que a situação se tornasse crônica. E, agora, será preciso talvez uma quarentena para que eles possam refletir se valeu a pena ou não participar, quase sem chance de venda, desta grande feira de arte. "Quem não trouxe um marchand a tira-colo, dificilmente terá chance de vender algum trabalho." Quem fez essa observação um tanto realista do atual mercado de arte foi o crítico francês Pierre Restany, que, depois de percorrer a Bienal, de-

clarou: "Você já viu uma fábrica de automóvel participar de uma feira sem suporte de marketing? Quem não veio preparado, com certeza, não venderá nada".

Os artistas brasileiros estão cons- cientes da realidade mas também não escondem suas dúvidas. Luís Gre- gório, que participa com dez aquarelas — parte de uma série que vai expor em novembro na Galeria Bonfiglioli, em São Paulo — afirma que da próxima vez vai questionar melhor a sua parti- cipação numa mostra comercial. "Eu acredito que nós brasileiros damos muita importância para tudo o que ocorre aqui. Na verdade, nós devemos nos preocupar mais com o que acontece no Brasil". Já Cláudio Tozzi, mesmo sem visitar a Bienal, afirmou que ela não tem a "mínima importância" para ele: "Estou mais interessado no trabalho que desenvolvo no Núcleo de Arte Contemporânea em João Pessoa que nesta Bienal".

Gregório e Cláudio preferiam infor- mar-se sobre o que realmente acontecia em relação à delegação brasileira. Ambos estavam perdidos, sem saber se realmente participavam ou não desta bienal. As dúvidas começaram no Bra- sil, no início do ano, quando o crítico Jacob Klintowitz convidou José Resende, Cláudio Tozzi e Carmela Gross para participarem desta XI Bienal. Klintowitz foi designado comissário brasileiro pelo Itamaraty (apesar de não constar no catálogo como tal; no seu lugar aparece o nome de Jayme Villa Lobos, ligado ao Itamaraty).

Cláudio Tozzi lembra que o convite aconteceu no final de novembro do ano passado e que, até março, ninguém sabia de mais nada. Gregório confirma e acrescenta: "Fiquei sabendo, durante uma festa, que apenas José Resende participaria oficialmente". A partir des- sa revelação começaram as dúvidas. A artista paulista Carmela Gross, ao sa- ber que a escolha partiu de alguns catálogos enviados às pressas para Bienal e que deveria participar apenas da mostra da Debret, recusou o convite. "Nós, artistas brasileiros, precisamos ser mais profissionais e não nos deixar enganar com atitudes colonialistas", disse Carmela Gross, que "não trocaria alguns anos de trabalho sério por uma passagem e um passaporte".

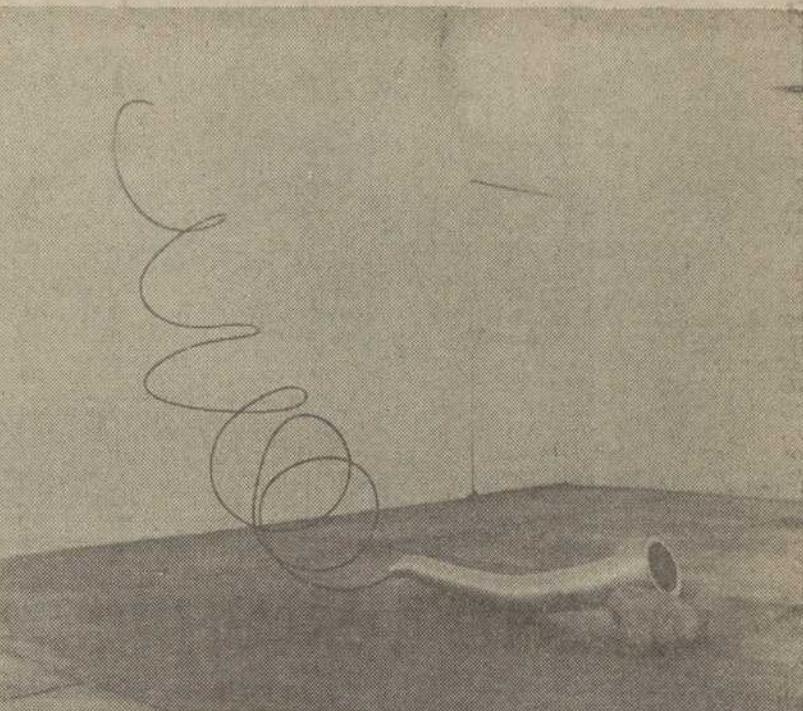
O crítico Jacob Klintowitz, no entanto, explicou que no final de 79 e início de 80, a convite do Itamaraty, indicou os artistas brasileiros para uma

apreciação. Eles foram todos aceitos, pela Bienal, mas, por questões de es- paço, a organização da mostra solicitou que o escultor José Resende fizesse parte da mostra no MAM francês. Mais tarde decidiram que ele ficaria junto com outros artistas, no centro Georges Pompidou, onde estão os trabalhos que exigem maior espaço. Jacob Klintowitz explicou que para os outros três foi oferecida uma mostra paralela na Debret.

"Apenas o Cláudio e o Gregório aceitaram. A Carmela Gross desistiu," diz ele. Na verdade, fica muito difícil saber o que realmente aconteceu. O que se sabe, porém, é que a marginaliza- ção dos artistas latino-americanos nas mostras internacionais já pertence à história da arte contemporânea. Essa discriminação chegou a tal ponto que, em 1975, numa atitude paternalista, a Bienal resolveu criar uma sala especial para os latino-americanos, um gueto onde o exótico era confundido com as condições históricas, sociais e políticas, numa situação que recebeu violenta crítica do escritor Gabriel García Marques, que, indignado, observou. "Pior que a própria discriminação, é pactuar com ela".

Apesar de todas as dificuldades en- frentadas pelo Brasil, convém lembrar também que muitos artistas brasileiros foram elogiados pela crítica e premiados nesses 21 anos de bienal francesa. Na I Bienal de Paris, em 1959, Marcello Grassmann recebeu o prêmio de melhor desenhista da mostra e Manabu Mabe ficou com um prêmio menor, o Prix des Editions Braun. Na segunda, em 1961, foi a vez de Flávio Shiró, que recebeu o prêmio de pintura, permane- cendo até hoje em Paris. Em 1963, Sérgio Camargo ganhou o de escultura, enquanto que Ana Letícia Quadros fi- cava com o Prix Des Jeunes Artistes. Em 1965, o Brasil novamente conseguiu o de pintura com Antonio Dias e Roberto Magalhães, o de gravura. E em 1967 Maria Bonomi foi premiada com o Prix Fondation Theodoron.

Agora, os prêmios estão abolidos e resta aos jovens artistas a esperança de poderem entrar no mundo mágico do mercado europeu de arte. Por isso mes- mo, nesta Bienal dos Jovens de Paris, onde participam apenas artistas com menos de 35 anos, ninguém ousa a experimentação. Todos eles, muito bem-comportados, esperam pacien- temente a aceitação e o reconhecimento da crítica, do Marchands e dos museus aqui presentes.



José Resende, o único brasileiro a participar oficialmente



Cláudio Tozzi, "mais preocupado com o trabalho no Brasil"



Para Gregório, se dá importância demais à bienal